

PELAS BORDAS DO TERREIRO: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO RITUAL MENINO DO RANCHO

Yuri Franklin dos Santos Rodrigues¹
José Adelson Lopes Peixoto²

RESUMO: Pretende-se com esse trabalho realizar uma investigação sobre os papéis femininos no ritual indígena intitulado Menino do Rancho da Etnia indígena Jiripankó – localizada no Alto Sertão de Alagoas, município de Pariconha –, esse procedimento ritualístico serve como pagamento de promessa e elemento de reafirmação indenitária do grupo. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é apresentar e descrever a participação da mulher no referido ritual. Metodologicamente, a tal ação foi dividida em duas etapas, na primeira, ocorreu à pesquisa de campo à luz da proposta defendida por OLIVEIRA (2000), com observação participante (produção de fotografias, vídeos, diário e caderno de campo e conversas informais), estabelecendo um profícuo diálogo com a pesquisa bibliográfica que compõe a segunda etapa, pautada em autores como SILVA (2013); PEIXOTO E GUEIROS (2016); PEIXOTO (2013); RODRIGUES (2017), SANTOS (2015); OLIVEIRA (2004). Com isso, pretende-se elucidar uma participação já existente, porém pouco evidenciada por quem apenas observa o primeiro plano, com os holofotes voltados para outros personagens.

Palavras-Chave: Mulher. Promessa. Ritual.

Considerações Iniciais

O papel feminino na comunidade indígena Jiripankó é diversificado, pois sua participação nos processos de reafirmação indenitária do grupo é marcante, entende-se que tais maneiras ocorrem através da realização dos rituais sagrados. Dessa forma, a mulher tem adquirido espaços entre essa sociedade com traços patriarcais; suas funções variam desde uma singela presença em alguns procedimentos ritualísticos à atuações maiores, como protagonista em outro – no caso o ritual Festa do Cansanção.

Apesar de sua presença, na maioria das vezes passar despercebida pelos olhares dos observadores elas estão ali presentes e são de extrema importância, realizando a efetivação do diálogo com o universo sagrado, com por exemplo na Festa do Cansanção, onde o pedido de proteção ou promessa, faz com que a mulher se tenha uma relação de proximidade com o mundo cosmológico, reafirmando a identidade do grupo.

¹ Bolsista do PIBID/CNPq, aluno do quarto período do curso de História pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL/Campus III. Palmeira dos Índios. Membro do Grupo de Estudo em História Indígena de Alagoas – GPHIAL. E-mail: yurirodrigueshis@gmail.com

² Doutorando em Ciências da Religião – Universidade Católica de Pernambuco, Professor Auxiliar na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Coordenador do Grupo de Estudo em História Indígena de Alagoas – GPHIAL E-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br

O evento alvo da investigação desse trabalho é o ritual denominado Menino do Rancho, busca-se por meio dele fazer uma averiguação da participação feminina e suas atribuições, tentando dessa forma fazer o leitor exercitar a capacidade de observar os detalhes e personagens menos aparentes que formam esse evento sagrado e religioso, dominado pela figura masculina.

Para nossas observações tomarem corpo, foi realizada uma pesquisa de campo, nos moldes da proposta por OLIVEIRA (2000), com observação participante, elaboração de diário e caderno de campo e produção de fotografias e vídeos. O uso da imagem no trabalho encontra-se ancorado em PEIXOTO (2013), onde explica que:

As fotografias, como registro visual, trazem consigo certo grau de interpretação do fato representado, pois são recortes dessa realidade e permitem, ao espectador, múltiplas idas e retornos temporais e não é por si só capaz de produzir um sentido único, necessitando de uma articulação com outras imagens e/ou com um texto para que possa produzir uma narrativa [...] (PEIXOTO, 2013, p. 19)

Portanto, a utilização da imagem durante o texto é uma forma de fazer com que o leitor/espectador realize uma “viagem” ao que está sendo representado. Elas encontram-se alicerçadas em uma narrativa/interpretação do que foi possível observar. Os caminhos das análises seguem rumos distintos, pois as fotografias agem de formas diferentes sobre as pessoas.

A aldeia e seus espaços: história, indivíduos e ambiente

O povo indígena Jiripankó está localizado no município de Pariconha, no sertão de Alagoas. A aldeia está a aproximadamente 6 km do centro da referida cidade. É uma sociedade originária do tronco Pankararu do aldeamento de Brejo dos Padres que se localiza entre os municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão de Pernambuco.

A formação tem seu início com “o êxodo do índio José Antônio do Nascimento (Zé Carapina) para a região das Alagoas em 1893, em decorrência da ocupação territorial” (SANTOS, 2015, p. 10). Esse movimento se dá em virtude da lei de terras de 1850, onde seriam devolvidas às municipalidades todas as terras sem registro de compra lavado em cartório, com isso os territórios indígenas em todo o Brasil e principalmente na região Nordeste sofrem diversas invasões do não-índio denominado de posseiro³.

Dessa forma, a chegada de Zé Carapina e sua esposa Izabel em 1893 às margens de uma fonte de água conhecida com Ouricuri marcam o primeiro povoamento do território que outrora seria atribuído o etnônimo Jiripankó. A busca pelo reconhecimento étnico surge a partir

do ano de 1980 em articulação com outros povos de Alagoas – Xucuru-Kariri, Wassu-Cocal e Kariri- Xocó – e o CIMI – Conselho Indigenista Missionário.

Com essa busca pelo reconhecimento, tiveram que realizar a “Viagem da Volta” (OLIVEIRA, 2004) que os colocou em posição de realizarem uma viagem as tradições religiosas dos Pankararu – tronco formador e detentor da tradição. As responsáveis por esse papel de transmissão de conhecimentos foram às irmãs Gonçalves – Chica e Vitalina. Segundo SANTOS:

As regras que foram trazidas para o Ouricuri-Comunidade do povo Jiripancó por Chica Gonçalves e sua irmã Vitalina (responsáveis pela continuidade da tradição), mesmo sem a intenção de recriar outra aldeia fora de Pankararú, era natural cantar e dançar o toré ir para o retiro na mata para as experiências onde acreditavam receber a força dos “encantados”. Era comum ir a Pankararú, às escondidas, dançar com os praiás e usar os dons da cura e ervas medicinais para curar os índios, era/é parte dos ensinamentos da tradição. (SANTOS, 2015, p.44)

Com isso nota-se uma intensa participação das mulheres no processo de reafirmação étnica e resistência no aldeamento Jiripancó. Até nos dias atuais a importância e a “força” feminina é visível na aldeia, pois durante a realização dos rituais sua participação se torna necessária.

Durante as visitas ao aldeamento, constatou-se uma alta taxa de natalidade, visível pelo grande número de crianças em sua maioria do sexo feminino. É visível ainda, que na referida aldeia existe uma pequena parcela de idosos; entre adultos e adolescentes, as mulheres também saem na frente dos homens, todas essas informações foram analisadas a partir dos rituais observados desde o início do ano de 2017.

No centro da comunidade – aldeia denominada de Ouricuri, lócus da pesquisa – se localiza maior parte da população do aldeamento; é também onde se situam duas igrejas, a escola que oferece a Educação Básica, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, o posto de saúde e uma quadra para práticas de esportes. Recentemente, as ruas do centro do aldeamento foram calçadas com paralelepípedo, levando certo conforto para os moradores da região. As casas em sua maioria são de alvenaria com telhas de barro, fazendo quebrar dessa forma o estereótipo de moradias a base de palhas – durante os trabalhos de campo, não foi possível verificar nenhuma construção, que sirva como moradia, com essas características.

Por fazer parte do Sertão Alagoano, a comunidade Jiripancó tem a vegetação típica da caatinga, a qual se mostra clara durante todo o percurso para a referida aldeia. Na imagem abaixo propõe-se apresentar o ambiente encontrado no entorno do aldeamento:

Foto 1: O entorno da aldeia Jiripankó



Fonte: Acervo particular do autor

A fotografia acima, representa o ambiente característico no tempo de secas prolongadas. A partir da imagem, nota-se um chão arenoso de areia branca; ao fundo serras que fazem parte desse mesmo cenário, a vegetação é de arbusto de pequeno porte, com poucas folhas, em sua maioria só o tronco, fato explicado pela falta de chuva que interfere gradativamente no processo de fotossíntese. No certo da aldeia, tem poucas árvores que servem para sombra em dias que a temperatura encontra-se elevada.

O universo religioso dos Jiripankó a partir da etnografia do ritual Menino do Rancho

O aldeamento Jiripankó é originário do tronco Pankararu – Sertão de Pernambuco – dessa forma, todas as expressões religiosas desse povo foram e são formas de reafirmação da identidade dos Jiripankó. Os rituais nesse contexto servem segundo GUEIROS e PEIXOTO como:

[..] um momento de fortalecimento identitário, pois tanto os jovens quanto os adultos revivem, no ritual, uma atividade criada pelos seus antepassados em tempos remotos. Pode-se dizer que é um momento de transposição do passado, no presente. É um renovar de ações em reascender da pertença étnica. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016, p. 14)

Com isso, denotamos a importância do universo ritualístico como fortalecimento da identidade e etnicidade dos povos indígenas. Entre os rituais que se fazem presentes no universo religioso dos Jiripankó então o ciclo de rituais da Festa do Umbu – Flechada do Umbu, Puxada do Cipó e Festa do Cansação – que acontecem entre o mês de dezembro, quando o primeiro fruto do umbu encontra-se maduro e no final do mês de fevereiro, após o último dia da festa do Cansação que ocorre em quatro fins de semana e o ritual Menino do Rancho. O ritual de pagamento de promessa ou Menino do Rancho, não tem data certa para acontecer, pois é uma festa em que a família do menino curado tem que oferecer um “prato” a

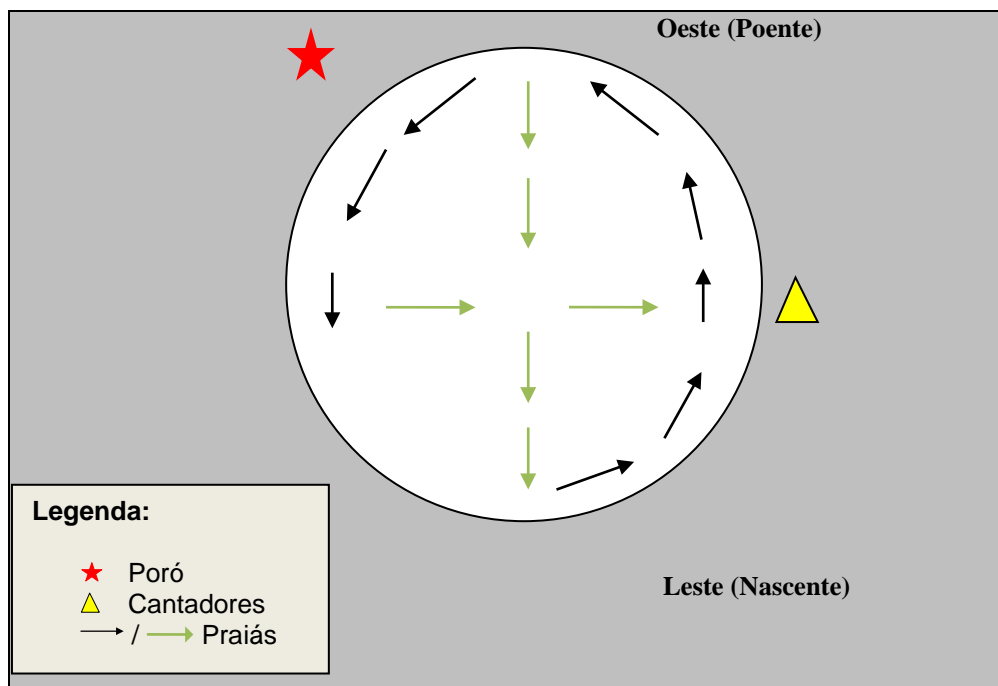
quem curou e a comunidade, isso requer uma condição financeira favorável para sua realização.

Inicialmente, um menino que apresenta sintomas de alguma doença é levado a presença do pajé para realizar uma consulta. O pajé, como líder do mundo espiritual indígena realiza um procedimento na criança para averiguar as causas da anomalia. Realizado tal processo, o Pajé indica algum medicamento, banho de ervas ou alguma dieta alimentar.

Se após, esse procedimento a criança não melhorar os pais fazem uma promessa aos Encantados⁴. Dessa forma, o menino é levado à mesa no Poró, “[...] espaço simples e pequeno, mas que assume grandes proporções enquanto elemento simbólico da religião indígena”. (GUEIROS; PEIXOTO, 2016,p. 3). O Pajé por intermédio de alguma entidade Encantada realiza a cura; depois de constatado que o menino realmente foi curado, acontece à segunda parte do ritual que é o pagamento da promessa pela família de quem foi curado, isso requer gastos financeiros e o período entre a cura e festa pode demorar anos, ou até décadas.

Depois da família reunir o dinheiro e estar preparada para a realização efetiva do ritual a aldeia é comunicada e começam os preparativos. Toda a festividade acontece no espaço denominado por eles como Terreiro⁵. O ritual geralmente acontece na noite de sábado para domingo, no sábado à noite por volta de dez horas, os Praiás – vestimenta sagrada onde se materializam os Encantados – saem do Poró e fazem a abertura do Terreiro, que consiste no movimento denominado de encruzar, a seguir a imagem que representa essa dinâmica.

Foto 2: Representação dos Praiás encruzando o Terreiro



Fonte: Acervo do autor

A imagem acima expõe como o batalhão de Praiás realiza o movimento de encruzamento do Terreiro. Quando saem do Poró os Praiás ao lado dos Cantadores - Indivíduos que à frente do ritual, executam os cantos e, através do maracá definem o ritmo das performances – vão em sentido Leste formando o primeiro passo para a formação da cruz; depois, em sentido anti- horário, se deslocam em direção ao Oeste, concretizando a abertura do Terreiro.

Durante a noite, observa-se a chegada de diversas caminhonetes – transporte muito comum na região - com povos indígenas vizinhos como os Kalankó, Karuazu, Katokinn, Kaiupanká e até Pankararu que se deslocam de suas localidades para prestigiar o evento, muitos deles dormem nas bordas do Terreiro, mas não é visível em seus rostos o desconforto de passar a noite ao relento, na poeira, dormindo sobre um simples tecido que é colocado sob o chão de terra batida. Dessa forma, evidencia-se “[...] uma identidade latente, que contagia e que vai sendo transmitida a cada geração ali presente” (RODRIGUES, 2017, p. 773). Nesses espaços é muito comum encontrar pessoas das mais variadas idades, de crianças até anciãos, o que se configura em excelente oportunidade para compartilhamento da tradição.

Na manhã seguinte, no dia de domingo, momento onde acontece o ápice do ritual. Os Praiás junto com os Cantadores visitam a casa do menino, onde em frente a residência o mesmo espera junto com sua família e um Padrinho – homem escolhido pelos pais da criança para “protegê-lo” durante a realização do ritual, esse protetor geralmente encontra-se sem camisa e com o torso pintado de uma tinta branca conhecida na região como Tauá.

Após de se organizarem em algumas performances – Toantes, Pareia - os Praiás juntos com os Cantadores se deslocam até uma residência próxima, na qual será oferecida a primeira refeição do dia, o café da manhã – arroz, pirão e carne de bode. A fotografia a seguir mostra o momento descrito acima.

Foto 3: Praiás, Cantadores, Padrinhos e a Criança



Fonte: Acervo do autor

Na foto 3, pode-se ver o menino com uma roupa vermelha, com alguns adereços em forma de cruz – o uso desse símbolo foi uma estratégia usada pelas populações indígenas para realizar seus rituais sem serem incomodados pelos colonizadores – em sua cabeça, uma espécie de chapéu confeccionado a partir de palhas e em volta do seu corpo um rolo de fumo, “O fumo tem imensa importância nos cerimoniais em geral, pois acreditam que tem o poder de afastar os maus espíritos, além de servir para rezas e benzeduras” (PEIXOTO, 2011 *apud* SILVA, 2013).

Foto 4: Praiás recebendo a comida



Fonte: Acervo particular do autor

A foto 4 demonstra o momento em que os Praiás juntos com os Cantadores e os observadores do ritual recebem o café da manhã. Em suas mãos pequenos pratos de barro com arroz, pirão e carne de bode. O recebimento segue uma hierarquia, primeiro os Cantadores, depois os Praiás e Padrinhos, quando esses grupos recebem e a Encruzam no Terreiro com a comida agradecendo e oferecendo aos Encantados, os outros participantes, no caso os observadores podem se servir.

Terminada a refeição, os participantes do cortejo se deslocam para casa das Madrinhas e da Noiva – mulheres encolhidas também pela família, que simbolicamente protegem a criança, geralmente essas pessoas são bem vistas na comunidade ou próximas da família; receber um convite para ser Madrinha ou Noiva é um sinal de honra. O processo é o mesmo que aconteceu na visita à casa do menino. Com as personagens do ritual juntos, os mesmo se deslocam até o Terreiro principal da aldeia, no qual ocorrem várias performances ritualísticas. A foto a seguir descreve esse momento de cortejo.

Foto 5: Madrinhas e Noiva



Fonte: Acervo do autor

A imagem acima, apresenta as duas madrinhas – uma de cada lado – e a noiva – no meio das madrinhas – as três com roupas compostas; de saias abaixo do joelho; com corpo e rostos pintados com Tauá, na cabeça adereços que as destacam das outras mulheres presentes no ritual. Percebe-se que um grande número de padrinhos na parte de trás de foto, vale resaltar que apenas um é escolhido pela família, os outros participam por vontade própria. A foto mostra o momento em que o grupo já está completo e, em cortejo, se dirige ao Terreiro onde será realizado o ritual de entrega do menino ao Encantado que o curou.

Dando continuidade ao ritual, um almoço é oferecido aos presentes, que gira em torno de mil pessoas. Depois da refeição, começa o ápice de ritual, o momento mais esperado, que é a pega do menino pelos Praiás. Nesse momento, os ânimos dos presentes se afloram, de um lado os Praiás com a missão tocar em qualquer peça de roupa da criança e de outro os Padrinhos que tem cargo de não deixar isso acontecer.

Essa brincadeira, ocorre em três momentos, a correria dos Padrinhos e Praiás em cada ciclo é alucinante e se mistura com os gritos de euforia de quem se encontra nos bastidores. Após constatado que algum Praiá tocou em qualquer peça de roupa do menino a brincadeira se encerra e simbolicamente a criança é entregue ao Praiá/Encantado que a pegou. Depois de encruzarem o Terreiro para seu fechamento, Praiás, Cantadores, Pajé e a criança seguem para o Poró onde desenvolvem os momentos finais do ritual.

Da Tapera ao Terreiro: os papéis femininos no ritual Menino do Rancho

A participação feminina nos rituais do povo Jiripankó é frequente, chegando ao caso de, em outros rituais como a Festa do Cansação, assumirem o total protagonismo, deixando os homens apenas nos bastidores; isso acontece pelo fato de que são elas que realizam as oferendas aos Encantados “[...] geralmente a oferenda é composta por um cesto de cipó, contendo açúcar ou rapadura, umbu e alguns outros frutos como laranja, banana, melão, melancia e até refrigerantes” (RODRIGUES, 2017, p. 774). Através dessa relação, um pedido de proteção ou promessa é realizado, criando assim um diálogo com as entidades Encantadas.

No ritual Menino do Rancho a participação feminina é bem específica, fazendo com que dessa forma a encontre em funções determinadas, como é o caso da Noiva e das Madrinhas. Os seus papéis fazem parte do universo simbólico dos Jiripankó, pois quando finalizado o ritual, o menino não tem nenhuma compromisso ou laço afetivo com as participantes, apenas respeito e admiração. As fotografias a seguir, apresentam essas três personagens em momentos diferentes no ritual.

Foto 6: Madrinhas e Noiva



Fonte: Acervo do autor

Foto 7: Madrinha puxando o batalhão de Praiá



Fonte: Acervo do autor

Na foto 6 pode-se ver as três participantes – Madrinhas e Noiva – juntas, pintadas com Tauá, com adereço na parte superior da cabeça, diferenciada das outras ao seu lado, como a que está de blusa verde, segurando o Campiô⁶. Essa foto foi produzida no momento em que os Praiás junto com os Cantadores, o menino e seu Padrinho, estavam fazendo a abertura do Terreiro sagrado. A foto 7 apresenta uma das Madrinhas à frente do batalhão de Praiás executando uma performance que consistia em dar três voltas pelas bordas do Terreiro; as duas Madrinhas e a Noiva fazem esse procedimento.

O papel da mulher não se delimita só nos expostos acima, outra função que é específica da mulher em todos os rituais é o preparo dos alimentos, esse é um dos cargos mais importantes. Muitas senhoras deixam suas famílias alguns dias antes do ritual para se dedicam exclusivamente à cozinha. A fotografia a seguir, apresenta a estrutura do espaço de preparação dos alimentos para as refeições; é o ambiente que tem como nome Tapera.

Foto 8: A tapera vista de dentro



Fonte: Acervo particular do autor

A Tapera é um ambiente bem simples como se pode ver na fotografia, chão de terra batida, os tijolos expostos, aberturas do lado para circulação de ar tornando o lugar mais fresco, a comida é cozinhada a partir de um fogareiro, montado a partir de três pedras que servem de base para colocar as panelas e entre as quais se coloca a lenha. Tal estrutura é denominada de trempe e é bem comum na zona rural da região Nordeste e bastante usada pelas populações indígenas dessa localidade.

Foto 9: A mulher como Cantadora



Fonte: Acervo particular do autor

Na foto acima, encontra-se talvez a participação mais significativo nos rituais da Mulher Jiripankó. Essa cena mostra a “força” feminina em frente ao Terreiro; com serviço de Cantadora, conduzindo através de seu canto e do balançado do Maracá o ritmo dos Praiás, exercendo um diálogo com o mundo cosmológico. Tal função é desempenhada exclusivamente pela figura dos homens e a partir dessa foto, percebe-se que a mulher é protagonista dos rituais Jiripankó, saindo, dessa forma, dos bastidores e entrando de vez no palco principal.

Algumas mulheres ainda assumem o importante papel do ser Mãe de Praiá, determinada função é de extrema relevância na comunidade, é uma posição de prestígio, pois é o próprio Encantado que define quem assumirá o cargo de zelar das vestes sagradas. Com isso, percebe-se que a Força Encantada tem ação extensiva para ambos os sexos.

Considerações Finais

Perceber a participação feminina nos rituais Jiripankó é excitar o olhar para além daquilo que está visível no primeiro plano, pois sua presença e participação nesses eventos que configuram o mundo religioso da aldeia ultrapassa os limites do Terreiro, se entendendo a Tapera; a confecção da roupa do menino de rancho; aos cuidados das vestimentas sagradas – defumação, encruzamento e outros procedimentos; na limpeza do Terreiro – realizado antes de iniciar o ritual. A lista dos lugares ocupados pela participação da mulher no aldeamento é longa. Outro importante destaque para o sexo feminino é de que em períodos de corte de cana-de-açúcar, onde os homens viajam para as regiões da Zona da Mata do estado, ou até para o estado Sergipe, as mulheres assumem a exclusiva criação dos filhos e o “controle” do aldeamento.

Elucidar a participação feminina no mundo religioso Jiripankó, tendo com enfoque central o ritual Menino do Rancho, não foi tarefa fácil, pois a predominância masculina é forte, deixando, portanto, a mulher às margens do Terreiro, tendo apenas uma parcela da atuação. Tal fato explica o motivo dos holofotes serem dedicados ao homem tido com protagonista desse evento.

Logo, esse trabalho – que ainda encontra-se em andamento - não pretende de nenhuma forma, suscitar uma tomada de poder, discutir questões de gênero ou lutar pela posição de destaque dentro do universo dos rituais e sim tornar a atuação da mulher visível aos olhos dos observadores. Pois, entende-se que a ação das entidades Encantadas é abrangente tanto para

os homens quanto para as mulheres. E dessa forma, suscitar um olhar mais apurado sobre a participação delas nos meios que compõe qualquer evento religioso Jiripankó.

Referencial Bibliográfico

GUEIROS, Lucas Emanuel Soares; PEIXOTO, José Adelson Lopes. NOS DOMÍNIOS DE ANDORINHA: considerações sobre o pagamento de promessa. In **Mnemosine**. Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Vol. 7, N. 1, jan/mar 2016, p.111-126

OLIVEIRA FILHO, João P. de. **A viagem da volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. (org.), 2^a. Ed. Contra Capa Livraria / LACED, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2000.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Memórias e Imagens Em Confronto: Os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2013. P. 140

RODRIGUES, Yuri Franklin dos Santos. A mulher Jiripankó e a relação com território imaterial. In: **Anais do IX Encontro de História: Emancipação, Conflitos Socioculturais e Construções Políticas nas Alagoas**, 4 a 6 de setembro de 2017, Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Curso de História, Maceió: UFAL, 2017. p. 769 a 778.

SANTOS, Cícero Pereira Dos. **Território e Identidade**: processo de formação do povo indígena Jiripancó. Monografia do curso de Licenciatura Indígena de Alagoas – CLIND, pela Universidade Estadual de Alagoas, 2015.

SILVA, Anderson Barbosa da. **Rituais Jeripankó**: Um olhar sobre o sagrado dos Índios do Sertão Alagoano. Trabalho de conclusão de curso em História, pela Universidade Estadual de Alagoas. Palmeira dos Índios: UNEAL, 2013.

³ Indivíduos que tomam posse das terras sem qualquer documentação ou que ainda forjam a mesma, ocorrendo o ato da grilagem.

⁴ Entidades do mundo espiritual ligadas aos antepassados, atualmente servem como orientadores e protetores da aldeia.

⁵ Terreno de chão batido muito frequente nas frentes das casas, durante os rituais é através desse espaço que os Praiás – vestimentas que são a materialização dos encantos na aldeia – realizam a ligação entre comunidade e as forças encantadas.

⁶ Instrumento feito a base de madeira, que é utilizado para defumação.